

Da África para o Brasil

Arqueólogos encontram vestígios de uma cidade transferida do Marrocos para o Amapá em 1770

Parece ficção, mas é mais um capítulo da História do Brasil Colonial. Durante a segunda metade do século XVIII, uma cidade inteira foi "transplantada" do Marrocos para o atual Estado do Amapá. Instalado nas imediações de Macapá, o povoado chamava-se Mazagão e sua transferência foi uma determinação do então rei de Portugal, dom José I. As razões da mudança transatlântica eram financeiras: no Marrocos, as intermináveis batalhas entre os súditos portugueses e os mouros traziam dores de cabeça ao rei e prejuízos aos cofres lusos.

A história vem à tona após três séculos graças ao trabalho do arqueólogo Marcos Albuquerque, da Universidade Federal de Pernambuco. No começo do ano, ele e sua equipe descobriram vestígios da igreja de Mazagão e ainda 23 ossadas de possíveis moradores. "Faremos um exame de DNA para saber se a origem dessas pessoas era marroquina, portuguesa ou brasileira", adianta Albuquerque.

A decisão de mudar uma cidade inteira de um continente para outro po-



de parecer estranha. Mas deve ser entendida dentro do contexto da época, quando Portugal passava a olhar o Brasil com mais interesse e desejava ocupar os rincões mais distantes da colônia. "Trazer habitantes para a

região fazia parte da lógica do Marquês de Pombal de cercar o Brasil e dar apoio militar à vila de Macapá", explica o arqueólogo. Foram os próprios portugueses que criaram a cidade no Marrocos, em 1513. No lugar da antiga Mazagão, na África, nasceu uma cidade chamada El Jadida, que existe até hoje.

Mas nem mesmo no endereço novo o povo de Mazagão teria dias melhores. Em terras brasileiras, a cidade durou apenas dez anos. Trazidas ao Brasil em 1770, as 340 famílias tiveram de esperar três anos para se estabelecer no local – foi o tempo que demorou para montar o povoado. Em 1783, porém, uma epidemia matou boa parte da população, levando o restante a fugir. O exame das ossadas servirá também para determinar qual é a doença que assolou o povoado.

Apesar do final funesto, o arqueólogo crê que o reino português alcançou seu objetivo. "As famílias sobreviventes saíram de Mazagão, mas ficaram ali pelo Amapá mesmo." Como prova, Albuquerque aponta duas outras cidades, Mazagão Velho e Mazagão Novo. A primeira foi fundada por pessoas que abandonaram a original depois da epidemia. A segunda fica a 40 quilômetros da primeira e foi criada no século XX. Lá é comemorada a Festa de São Tiago, que revive a luta contra os mouros.

As escavações na região foram solicitadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) e bancadas pelo governo do Amapá, que pretende transformar o local em um parque turístico e arqueológico. Já foram consumidos R\$ 149 mil, e estima-se que serão necessários outros R\$ 430 mil. A expectativa é de que o governo português colabore – em Portugal

estão guardados os documentos sobre a transferência de Mazagão. "Temos recursos para acabar a pesquisa. Para montar o parque, precisaremos da iniciativa privada", adianta o governador, Waldez Góes. ■

DESCOBERTA Ruínas e ossadas (abaixo) são estudadas pela equipe de Albuquerque (de chapéu)

